

22 de Setembro de 2009

### A CAMPANHA E AS SONDAGENS

por Mário Soares

Sempre pensei que as sondagens valem o que valem. Às vezes conseguem exprimir a realidade, outras, pelo contrário, enganam-se, como sucedeu com as passadas eleições europeias. Não quer isto dizer que desconfie dos técnicos - e temo-los excelentes - que se entregam ao difícil labor de elaborar sondagens. Significa tão só que - até ao momento de fecharem as urnas - o voto é muito volátil, muda às vezes, à última hora. É, por isso, que é uma imbecilidade alguém considerar-se "proprietário" dos votos que lhe são atribuídos ou que alguma vez teve. Por mim, nunca cometi esse erro.

Na actual campanha tem havido mudanças e oscilações frequentes. Conforme nota, com a lucidez habitual, um especialista de sondagens, que prezo muito, o Dr. Pedro Magalhães: "em cada três eleitores, mais do que um dizem ter mudado a sua opção de voto nos últimos dias". É natural que assim seja, visto que os debates televisivos, entre os líderes dos partidos com assento parlamentar, desta vez, foram muito esclarecedores e até os "gato fedorento" ajudaram. O secretário-geral do PS, José Sócrates ganhou quanto a mim, todos os debates, dando de si uma imagem de contenção, competência e bonomia que representa o contrário da imagem que a Oposição, sistematicamente, lhe atribuía.

Agora que começou a fase final da campanha eleitoral - e acabaram os debates - o contacto dos líderes com as pessoas nas ruas, nos mercados e nos lugares em que há gente, Sócrates tem reforçado a nova imagem de proximidade, cordialidade e contenção. Portas, líder do CDS/PP, tem sido até agora o campeão das feiras - até lhe chamam o "Paulinho das feiras" - mas deve acautelar-se, tem agora um concorrente de peso.

Será que Sócrates mudou? Penso que sim. É natural. Aprendeu muito nestes últimos quatro anos, tão duros, e sobretudo com a crise global que nos afecta. Conhece os dossiers da crise e muito razoavelmente as pessoas. Ninguém melhor do que ele, julgo, está em melhores condições para fazer frente à crise global e a poder vencer. Ora é isso que interessa, acima de tudo, aos portugueses. O que representa mais uma razão para reflectirem e ponderarem antes de lançarem o voto na urna. Será decisivo, que assim suceda, para o futuro próximo de todos nós.

Acresce ainda que, entre os partidos concorrentes, só há dois líderes que podem vir a ser primeiro-ministro dado o mais que provável volume de votos que têm os partidos que lideram: Sócrates ou Manuela Ferreira Leite. Os outros são líderes, obviamente legítimos e respeitáveis, mas que não contam - é injusto mas é assim - para o campeonato que leva à escolha de quem irá formar governo, na próxima Legislatura.

Os votos de protesto, de afecto ou ideológicos são absolutamente legítimos, como é óbvio. Mas tratando-se duma escolha decisiva, é importante que nos lembremos que não devemos deixar governar a Direita. Seria, muito pior do que sucedeu no passado recente, dada a crise que nos afecta, muito grave, sobretudo, para a Esquerda: os mais pobres, os desempregados, os imigrantes, as micro-pequenas e médias empresas...

2. A convite da Fundação Jean Monnet, acabo de participar num colóquio que teve lugar na Universidade de Lausanne, Suíça, sobre o futuro da Comunidade Europeia e do projecto, tão acarinhado há décadas por Jean Monnet, dos "Estados Unidos da Europa". Foi bastante interessante, dada a participação qualificada de tantos académicos, historiadores, politólogos, sociólogos e alguns políticos (poucos).

Debateu-se o percurso da Comunidade Europeia - o projecto político de paz, mais original e estimulante do século XX - e aprendi imenso, no detalhe, tão curioso, intrincado e variado, da longa história de antes de 1957 (Tratado de Roma) até à actualidade. Mas quanto ao futuro, o euro-cepticismo prevaleceu largamente, mesmo entre os partidários do Movimento Europeu, hoje em decadência, e dos fiéis discípulos de Jean Monnet, que mantêm em absoluto a sua posição.

Com efeito, o impasse político-institucional, a falta de iniciativas internacionais, a ausência de coordenação dos 27 Estados-membros quanto a um plano coerente, financeiro e económico, para vencer a crise (quando já passou um ano sobre a falência insólita e marcante da Lehman Brothers), bem como a mediocridade dos actuais líderes europeus, salvo honrosas excepções, razões não faltam para agravar o perigoso afastamento entre os responsáveis e os cidadãos e para aumentar a inter-governabilidade dos 27 e esbater a Comunidade, o que em termos da União é muito mau.

Isto sucede quando é cada vez mais incerta a ratificação do Tratado de Lisboa em vésperas do referendo irlandês. Ou seja: quando mais necessária era uma União forte num mundo, cada vez mais, multilateral e em vertiginosa mudança, precisamente, quando a Comunidade Europeia faz que muda mas não muda... É certo que foi reeleito, em condições polémicas, o Presidente da Comissão Europeia, Durão Barroso. Para os portugueses que têm uma visão dita "patriótica" da reeleição de um português, foi, obviamente, motivo de alegria. Mas, visto em termos europeus, que é como se deve apreciar a reeleição - e o fazem os europeístas convictos - um homem com o percurso de Durão Barroso e a forma apagada como exerceu o primeiro mandato, não pode deixar de ser causa de preocupação...

Enquanto os Estados Unidos da América, sob a nova orientação de Obama, e quase todos os países emergentes, procuram encontrar um novo paradigma (ou um novo modelo de desenvolvimento sustentável) para ultrapassar a crise, a União Europeia continua sem querer ver a realidade e paralisada. Está a perder a sua posição de grande agente na cena internacional, em acelerada mutação. O que, a não ser mudado, conduz à decadência: uma situação gravíssima. Obama e, curiosamente, o Papa Bento XVI já compreenderam isso. Mas os dirigentes europeus parecem não querer entender. Há, no entanto, alguns sinais de viragem. Veremos o que dará o resultado das eleições alemãs e portuguesas, no mesmo dia...

3. O INATEL e a Fundação Mário Soares, em parceria, realizaram em Leiria, na passada 5ª. feira, mais uma conferência debate da série "Novas Propostas a Novos Desafios". Desta vez o conferencista foi D. António Marto, Bispo de Leiria-Fátima e eminente personalidade da Igreja Portuguesa, pela sua vastíssima cultura, inteligência e largueza de espírito. Com total isenção, posso afirmar que a conferência foi um invulgar sucesso, pela qualidade, clareza e profundidade da análise, perante uma grande sala repleta - o auditório da Escola Superior de Educação de Leiria - e uma assistência invulgarmente atenta.

O que disse D. António Marto? Partiu da crise global que vivemos - caracterizando-a bem - para, através de quatro belas parábolas (naufrágio, fluidez, mar da história, navegação), explicar o que é necessário fazer para sair da crise, isto é: para voltarmos a navegar. Fê-lo, citando várias vezes e com fina compreensão, o texto da última encíclica "Caritas in Veritate", donde resulta, segundo D. António Marto, "um projecto de desenvolvimento sustentado e global, dirigido a cada pessoa e à Humanidade no seu conjunto". Falou da necessidade de fraternidade, solidariedade, tolerância, diálogo, da luta contra as desigualdades, do respeito pelos imigrantes, pela dignidade no trabalho e da importância de construir um novo paradigma para vencer a crise. Palavras que fizeram reflectir a atenta assistência e que são tão necessárias para compreender os tempos que correm.

4. A tragédia do Afeganistão. Quando Bush - sempre ele - resolveu invadir o Afeganistão, envolvendo nessa aventura a NATO com a cumplicidade subserviente da Europa, escrevi na imprensa portuguesa um artigo particularmente crítico, intitulado "Um precedente perigoso". Foi antes da invasão do Iraque, contra a qual protestei, com centenas de compatriotas, nas ruas de Lisboa, como alguns leitores se lembrarão.

Hoje, os jornais e televisões de toda a Europa falam da tragédia do Afeganistão e muitos europeus reclamam o regresso dos soldados que lá se encontram e morrem, sem remédio, às centenas. Era previsível. Os britânicos foram os primeiros a saber, no início do século passado, que com o Afeganistão não se brinca. Depois foram os soviéticos e agora são os americanos, com a ajuda da NATO que poderão soçobrar no Afeganistão... Com efeito, como é possível levar uma organização do Atlântico Norte, defensiva, a combater na Ásia, invadindo um país soberano, a pretexto de dar abrigo à Al-Qaeda...?

Obama que tem uma nova estratégia de combate ao terrorismo - e prometeu retirar as suas tropas do Iraque - como é que não percebeu que o conflito do Afeganistão é ainda mais complexo e de difícil saída do que o Iraque? Os grandes homens, como é o caso, também têm destas omissões. Mas, uma vez verificadas, devem corrigi-las...

Atenção: Portugal também tem lá soldados. Infelizmente...